

# O PRINCÍPIO DA COLETIVIDADE: ALTERNATIVA PARA PENSARMOS AS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO

ANA PAULA GONÇALVES FIORAVANTE\*  
SUZANA KAIZER\*\*

## RESUMO

O artigo em questão apresenta teorizações feitas a respeito do princípio da coletividade na pesquisa qualitativa em educação. Tendo como objetivo, a construção de argumentos para problematizações a cerca da temática expressa acima, levando em consideração as incertezas oriundas no decorrer dos caminhos investigativos, e ainda contribuir para pensar a prática do princípio coletivo nas pesquisas em educação. Nossos pensamentos estão fundamentados a partir dos autores Minayo (2004) e Brandão (2003) entre outros. Sendo assim, a presente escrita organiza-se em dois momentos, (1) discussões a respeito de algumas temáticas que permeiam o campo da pesquisa qualitativa na área da educação, (2) o princípio da coletividade enquanto postura do pesquisador frente aos caminhos percorridos no decorrer da pesquisa.

**Palavras-chave:** Pesquisa em Educação. Metodologia Qualitativa. Princípio da Coletividade.

## ABSTRACT

The article in question has made theories about the principle of collectivity in qualitative research in education. Aiming to build arguments for about contextualizing the theme expressed above, taking into account uncertainties arising in the course of investigative paths, and contribute to the practice of thinking collective principle in education research. Our thoughts are grounded from the authors Minayo (2004) and Brandão (2003) among others. Thus, this writing is organized in two stages, (1) discussions of some issues that permeate the field of qualitative research in education, (2) the principle of collective stance as researcher in front of the paths taken during the research.

**Keywords:** Research in Education. Qualitative Methodology. Principle of collective.

---

\* Licenciatura em Pedagogia e discente de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEDU/FURG – E-mail: anapaulagfioravante@gmail.com

\*\* Licenciatura em Pedagogia e discente do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEDU/FURG – E-mail: suzysks@yahoo.com.br

## 1 PARA INICIAR O DIÁLOGO...

Pensar sobre pesquisa em educação por meio da metodologia qualitativa é temática que nos motiva a discussão. Em específico, quando busca-se propor o princípio da coletividade ao longo de todo processo investigativo. Neste sentido, percebemos a necessidade de construção de um olhar coletivo frente ao fenômeno investigado, já que, não são todas as pesquisas qualitativas que garantem tal olhar. Compreendemos assim, que a utilização do princípio coletivo depende da postura do pesquisador ao assumir-se como parte integrante do processo.

Propomos com a escrita, construir problematizações a cerca da temática expressa acima, levando em consideração as incertezas oriundas no decorrer dos caminhos investigativos. Conforme as palavras de Mário Osório Marques:

Na pesquisa, como em toda obra de arte, a segurança se produz na incerteza dos caminhos. Aqui também muito tempo se perde e muitas angústias se acumulam à procura de um método adequado e seguro. (...) Se os caminhos se fazem andando, também o método não é senão o discurso dos passos andados. (MARQUES, 1997, p. 114).

A partir das palavras citadas, é possível pensar na dinâmica das diferentes metodologias de pesquisa na área das ciências humanas e sociais, as quais são construídas ao longo dos passos andados. Nesse caminho, não estamos propondo uma única interpretação da metodologia de pesquisa qualitativa em educação, mas sim, ela pensada a partir das experiências empíricas em coletividade vivenciadas ao longo da investigação, bem como a contribuição dos pressupostos teóricos metodológicos que tem nos acompanhado.

Apresentamos a escrita proposta em dois momentos, primeiramente iniciamos o diálogo a respeito das discussões de algumas temáticas que permeiam o campo da abordagem metodológica de pesquisa qualitativa nos estudos desenvolvidos na área da educação. Em seguida, propomos o encontro do princípio da coletividade enquanto postura do pesquisador frente aos caminhos percorridos no decorrer da pesquisa. Logo, ressaltamos que mesmo a escrita sendo pensada em dois momentos, tal organização não fragmenta a discussão proposta, pois ambas as discussões se inter-relacionam quando pesamos as pesquisas em educação.

Como a proposta de escrita apresentada sobre pesquisa qualitativa e o princípio coletivo, destacamos que a construção do

artigo não foi diferente, pois teve seu início na disciplina de “Metodologia de Análise Textual Discursiva” (ATD) vivenciada pelas autoras junto à turma de Pós-Graduandos da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, ao longo do segundo semestre do ano de 2012.

Com o intuito de ampliar o diálogo iniciado na disciplina de ATD, uma conversa coloquial simples, porém intensa, como aquelas construídas com parceiros(as) movidos(as) pelas curiosidades insaciáveis. Gostaríamos de deixar claro, que não temos a pretensão de escrever nossas compreensões como sendo “verdades absolutas” e sim, a partir das mesmas olhar diferente, buscar novas maneiras de ver, colocar outras lentes, ampliar os olhares, enfim, dialogar com o princípio dialógico defendido por Freire (1987).

Após este diálogo introdutório, convidamos você leitor para a discussão proposta a seguir sobre alguns dos pressupostos que se fazem presentes nas discussões sobre metodologia de pesquisa qualitativa. Logo, enfatizamos em nosso seguinte diálogo sobre a importância da abordagem qualitativa nas pesquisas realizadas no campo da educação, bem como propomos a superação da dicotomia presente nas discussões que giram em torno das metodologias qualitativas e quantitativas de investigação.

## **2 APONTAMENTOS A RESPEITO DA METODOLOGIA QUALITATIVA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO**

É muito frequente o uso de abordagens qualitativas em pesquisas no campo educacional, desta forma nos últimos anos esta abordagem ganhou “força” dentro destes estudos, priorizando-se esta e esquecendo-se, e ou, deixando-se de lado as abordagens quantitativas. Percebe-se que o que está em questão é quando se atribui maior valor a abordagem qualitativa em detrimento à quantitativa que, por vezes, pode tornar-se tão valiosa quanto a qualitativa. A importância do desafio da escolha da abordagem vem ao encontro da arte de pesquisar, para quem se pesquisa e porque se pesquisa, ter foco e clareza neste momento é fator decisivo. Sendo assim, escrevemos:

A pesquisa qualitativa nas Ciências Sociais trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas

ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (MINAYO, 2004, p. 21).

Levando em consideração o que vem a ser o ato de pesquisar e a relevância social do mesmo, percebemos que o importante nas pesquisas em educação é a relevância dos dados produzidos. Sendo assim, compreende-se que a opção pela abordagem qualitativa nos estudos realizados no campo educacional, buscam pela compreensão do fenômeno investigado, onde a quantidade de dados coletados\produzidos não é a questão fundamental, mas a relevância dos mesmo.

Situamos, a abordagem qualitativa de pesquisa relevante, uma vez que procura por responder a questões particulares e “se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado” (MINAYO, 2004, p. 21), mas sim compreendido, analisado e contextualizado na dinâmica das relações sociais.

Logo, as pesquisas em educação necessitam superar a compreensão dicotômica, que insiste em permanecer, entre qualidade/quantidade. Não pode haver pesquisa sustentada só em quantidade e nem só em qualidade. No campo da educação a pesquisa tem como prioridade a qualidade, sendo o quantitativo secundário, porém, não de menor valor. O olhar qualitativo e a (re) construção dos conhecimentos são pressupostos a serem levados em consideração dentro da escolha de uma abordagem. Sendo assim, compreende-se como pesquisa qualitativa:

A pesquisa qualitativa pretende aprofundar a compreensão dos fenômenos que investiga a partir de uma análise rigorosa e criteriosa desse tipo de informação. Não pretende testar hipóteses para comprová-las ou refutá-las ao final da pesquisa; a intenção é a compreensão, reconstruir conhecimentos existentes sobre os temas investigados (MORAES, R.; GALIAZZI, M. C, 2011, p. 11).

Quando buscamos pela compreensão de fenômenos sociais, buscamos por tentativas de respostas que nos levam a transformação e formulação de novas perguntas a serem investigadas, em um processo contínuo de ser\fazer<sup>1</sup> pesquisa. Sendo assim, a combinação entre os métodos de pesquisa qualitativos e quantitativos podem contribuir para enriquecer a pesquisa. Os métodos de pesquisa qualitativos e quantitativos não

---

<sup>1</sup> Sobre ser\ fazer pesquisa ver Carlos Rodrigues Brandão no livro “Pergunta à várias mãos: a experiência da partilha através da pesquisa em educação” (2003).

se excluem. Os números não anulam pessoas (GOMES, 2001)<sup>2</sup>, quando levamos em consideração o que os sujeitos nos falam, o que ouvimos, como ouvimos e posteriormente como interpretamos o que foi dito. A combinação entre as abordagens podem contribuir para um enriquecimento da produção e análise de dados na pesquisa.

Logo, acreditamos que os desafios encontrados dentro das escolhas vão ao encontro não de decidir qual abordagem vem a ser mais apropriada para o fenômeno que se investiga, mas pela superação do nosso olhar construído historicamente e que deriva na dicotomia existente entre as abordagens quanti\quali. É evidente que a escolha da abordagem vai ao encontro do objetivo da investigação, sendo que esta escolha implica na construção dos instrumentos de produção de dados, logo na qualidade dos mesmos e posteriormente na rigorosidade, na responsabilidade e no comprometimento dos sujeitos envolvidos para com a pesquisa.

Desta maneira, os sujeitos da pesquisa, sendo eles: o autor e os demais participantes da investigação tornam-se ativos e vivos no processo investigativo, transformando-os por meio da construção do conhecimento coletivo. As aprendizagens construídas com os outros, levam a transformação do pesquisador, e ainda do seu olhar perante o fenômeno investigado.

A construção da pesquisa em educação percorre um caminho de reconstruções, no ir e vir, montando e desmontando, proporcionando assim, ao pesquisador, observar o trabalho com vários olhares. As análises dos dados ocorrem de forma diferente de pesquisador para pesquisador, sendo assim, percebe-se a necessidade de mergulhar no fenômeno analisado. E como escreve Brandão (2003, p.26),

as certezas dos caminhos se fazem nas incertezas do caminhar, e afirma que todos nós possuímos incertezas. Qualquer atividade de busca, no singular ou no plural, de algum saber não sabido, e que seja realizado através de um trabalho com algum fundamento, alguma sistemática, algum método confiável, é uma experiência de pesquisa.

É interessante pensarmos no dinamismo da pesquisa e iniciá-la nas incertezas de nossos saberes, sem resultados pré-estabelecidos. Os diferentes posicionamentos encontrados ao longo

---

<sup>2</sup> Ver Vanise dos Santos Gomes (2001), "Para Além das Areias Brancas: significados da escolarização e do alfabetismo para a população de São José do Norte - RS".

das pesquisas mostram que a fonte de ideias não está só nos dados, mas no confronto entre o curso dos pensamentos e dos dados, fazendo surgir novas ideias legítimas dentro desse processo de pensamento.

Sendo assim, nos reinventamos não só, mas junto daqueles que nos acompanham no decorrer dos processos investigativos. Logo, percebemos os princípios científicos da pesquisa solidária (BRANDÃO, 2003) onde o outro não é somente objeto a ser pesquisado, é para além disto, o outro participa e observa e neste movimento, não construímos o sentimento de afastamento, mas sim, tanto o eu como o outro nos sentimos como parte do processo de investigação.

Neste sentido, levamos em consideração o envolvimento entre os sujeitos e o processo investigativo possibilitado pela pesquisa qualitativa em educação. Propomos nas páginas seguintes discussões a cerca do que compreendemos enquanto pesquisa coletiva, como uma alternativa de investigação no campo da educação.

### **3 O PRINCÍPIO DA COLETIVIDADE: UMA ALTERNATIVA POSSÍVEL?**

Compreender a pesquisa como produção coletiva é ter compromisso com a realidade na qual ela está inserida, ou seja, é ter relevância social e constituir-se enquanto pesquisador com consciência de coletividade, buscando pensar uma pesquisa voltada para os sujeitos, e não apenas para si.

Essa busca de compreensão dos problemas na sociedade encontra acolhimento principalmente nas pesquisas em educação, as quais envolvem um trabalho comprometido com a realidade, preocupado com o retorno aos sujeitos, não com o objetivo de mudar tal realidade, mas com o intuito de contribuir com as transformações que forem necessárias. A transformação da realidade e dos sujeitos envolvidos caracteriza-se enquanto possibilidade, a transformação inevitável esta relacionada ao pesquisador, que a partir de tais vivências tem sua postura modificada, seja ela teórica, ideológica ou pessoal.

O sentido de contribuição, inerente nas pesquisas relacionam-se a problematização do que está naturalizado no contexto, apontar para novas possibilidades e ultrapassar a ideia de apenas diagnósticos. Ter a realidade enquanto ponto de partida, e ir além dela, tal como aponta Gamboa (2007, p. 42):

Nas ciências sociais como na educação tanto o investigador como os investigados (grupo de alunos, comunidade ou povo) são sujeitos; o objeto é a realidade. A realidade é um ponto de partida e serve como elemento mediador dos sujeitos. Numa relação dialógica e simpática, como é o caso do processo da pesquisa. Esses sujeitos se encontram juntos ante uma realidade que lhes é comum e que os desafia para ser conhecida e transformada.

Contribuir e transformar implica em possibilitar a utilização da pesquisa pela sociedade, construir coletivamente ferramentas para as mudanças que forem necessárias, sem imposição ou hierarquia, mas com comprometimento, respeito e coletividade.

Pesquisar é dialogar com vozes que divergem entre si e complementam os pensamentos uns dos outros, construindo mais que um consenso, e sim um pensar coletivo. Para usar as palavras de Maldaner (2004, p. 59) “a produção coletiva proporciona novos espaços de interação entre os atores sociais que julgamos responsáveis pela melhora das propostas educacionais nas instituições escolares e na universidade”. Sendo assim, um processo verdadeiramente coletivo tem muito a contribuir com o cenário educacional, qualificando as pesquisas e as discussões nesta área.

As pesquisas em educação não podem ser vistas como algo acabado, é preciso buscar sentido nas palavras, no que ficou de fora, do que não foi dito e dessa forma reconstruir novos significados. Ela deve estar em constante movimento, desconstruindo e reconstruindo conhecimentos e informações para gerar “o novo”, para isso é importante o diálogo e a interação com o outro.

Em uma perspectiva de pesquisa qualitativa, é possível encontrarmos diferentes olhares possibilitados por uma construção coletiva, a partir da interação entre os sujeitos envolvidos no processo. Para isso, é importante compreender o pesquisador enquanto sujeito com consciência de coletividade, além de estabelecer uma relação de partilha entre pesquisador-pesquisado. Valorizamos assim, os sujeitos colaboradores de nossas pesquisas, pois esta não é uma experiência para ser vivida sozinha e sim com o outro, já que:

O valor de nossas pesquisas depende do valor de nossas leituras. Não só dos livros, também das do mundo, das da vida, de nossas conversas de uns com os outros, de nossas prévias experiências, isto é, de nossa capacidade de dizer a outrem o que aprendemos. (MARQUES, 2006 p. 114)

Nesta perspectiva, pesquisar na educação é dialogar com diferentes teóricos que trazem sustentação e contribuições para o estudo. Além dos diálogos com os teóricos, existem os diálogos com os sujeitos e as demais interações e contribuições que ocorrem na trajetória da investigação. Essas contribuições vão transformando o pesquisador e a sua escrita, caracterizando a pesquisa em educação como um processo coletivo e não solitário.

Outra questão pertinente é refletir sobre a importância de ouvir o outro no que o outro diz, formando dessa maneira redes de relações construídas entre nós e os sujeitos em um sentimento de mundo, pois é imprescindível lembrar que nossas pesquisas se validam além de nossas leituras de livros e de mundo, também de nossas vivências e interações com os outros, para construirmos então o saber com o outro continuamente.

Com isso, a pesquisa em educação permite uma interpretação “ampla” dos dados sem precisar de um resultado certo ou errado, por ser uma construção coletiva, a resposta final é dada pela união das ideias dos envolvidos, não tendo apenas um olhar sobre o tema pesquisado. Dessa forma, pesquisar a educação é, ter a possibilidade de, dialogar com vozes que divergem entre si e que compreendem a educação de diversas maneiras, e por isso pesquisá-la torna-se um grande desafio.

Desafio este do diálogo e da partilha, os quais acontecem por meio da interação entre os sujeitos que participam do processo de pesquisa, questão esta a ser problematizada na sequência da escrita.

#### **4 A INTERAÇÃO ENTRE OS SUJEITOS PARTICIPANTES NO PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO**

Ao pensar a interação no processo de investigação é importante levar em consideração que o diálogo e a partilha: são pressupostos para esse processo, pois o diálogo sempre presente faz da pesquisa um processo coletivo e permite que os sujeitos sintam-se ativos e não objetos. Ele amplia os saberes através do compartilhar de conhecimentos entre todos os atores da pesquisa, dando assim espaço para a partilha de saberes e experiências, privilegiando a interação entre pesquisador, sujeitos/objetos e leitores.

A interação dos pares no aprendizado da pesquisa, na qual o compartilhar se faz presente de maneira efetiva, ressignificando os formatos de investigação, indo ao encontro de relações menos hierarquizadas, horizontais e de mais comprometimento e respeito

aos envolvidos. Nesta perspectiva, é importante também para o pesquisador reconhecer-se como sujeito aprendente na pesquisa, colocando-se no processo junto aos sujeitos da pesquisa enquanto “comunidade de pensamento” para usar as palavras de Brandão (2003). Tal postura é relevante, para tornar a investigação mais humanizada, pois as pesquisas em educação se debruçam sobre os fenômenos sociais e os sujeitos, ou seja, sobre o coletivo.

É importante destacar também ao falar sobre as relações na pesquisa qualitativa, a escuta no processo de formação e de transformação, ou seja, ouvir o outro, respeitando seu posicionamento sem subjetivar sua fala ao resultado esperado, buscando compreender a partir dos sujeitos suas realidades, tendo em vista a rigurosidade de uma pesquisa científica. Estar disposto a conhecer o que ele tem a dizer sobre a realidade em que está inserido, conhecer sua história, compartilhar, discutir e aprender a partir de nossas histórias sobre um tema comum.

A pesquisa em educação está em constante movimento e aprimoramento, por ser um instrumento de intervenção na realidade social, não sendo considerada uma atividade neutra, pois trás consigo a marca de quem a pensou e de quem faz parte dela, seus sujeitos, sejam teóricos ou empíricos. A pesquisa científica não é, portanto, realizada ao acaso e movida pela curiosidade imparcial do pesquisador. Ela é, sim, de fato, influenciada pelo contexto social mais amplo (condições sócio-político-econômicas de determinada sociedade), por contextos mais específicos (relacionados à estrutura interna do curso ou instituição na qual é desenvolvida) e pelo próprio pesquisador, com seu sistema de valores, crenças etc. Sendo assim, ela necessita de metodologias específicas e que deem conta de sua pluralidade, estrutural e epistemológica.

Nos estudos realizados em educação somos coletivos, seja pelas contribuições e interações que temos ao longo de nossa trilha de pesquisa ou pelos interlocutores teóricos que trabalhamos, ao escrevermos estamos impregnados por estas contribuições. Assim, é válido destacar que não se faz pesquisa em educação sozinho, há a relação com outro, com o coletivo durante o processo, nas conversas de orientação, nas coletas\produções de informações, nos grupos de pesquisa e nas disciplinas, são os diferentes espaços coletivos que constroem a pesquisa. Fazendo dela uma construção e contribuição para muitos e não apenas do pesquisador, é importante lembrar que ao longo dos processos muitos sujeitos fazem parte da mesma caminhada.

Neste sentido, a pesquisa precisa ter relevância social, ou

seja, contribuir de maneira efetiva com a realidade na qual está inserida, pois ela é uma atividade da ciência que busca compreender e repensar a realidade. As relações sociais são causas de pesquisas em educação, pois pesquisar a educação é envolver-se com problemas da sociedade, já que ciência é recorte da vida social.

Dessa forma, toda pesquisa tem como objetivo as possíveis contribuições sociais, pois segundo Brandão (2003) “Saber” com o outro significa que a pesquisa científica não deve ser pensada e colocada em prática como um momento único ou isolado, em nome e a serviço de qualquer interesse de adquirir poder por meio da ciência, ela precisa ser realizada e encarada enquanto bem comum para muitos, ou seja, ter comprometimento e relevância social.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por meio da escrita construída até o momento, podemos compreender que as pesquisas em educação pressupõem caráter científico, ou seja, uma postura epistemológica respaldada por uma metodologia específica. Pesquisar em educação é construir saberes coletivos que privilegiem a transformação dos contextos sociais e teóricos – na medida em que forem necessários -, além de contribuir também para transformar o próprio pesquisador.

É relevante também, superar a compreensão dicotômica, que insiste em permanecer, nas discussões sobre pesquisas em educação, na qual qualidade e quantidade são colocadas como campos opostos. Na escrita, buscamos discutir sobre essa questão, afirmando que não pode haver pesquisa sustentada só em quantidade e nem só em qualidade. Pois, na área da educação mesmo que a investigação tenha como prioridade a qualidade, a quantidade pode vir enquanto processo secundário, porém, não de menor valor.

Ao pensarmos ao longo deste artigo no princípio coletivo como alternativa possível dentro das pesquisas em educação, evidenciamos o caráter coletivo no decorrer de todo processo investigativo, sendo este desde a interação entre os sujeitos participantes da pesquisa, até a relevância social do estudo. Ou seja, a coletividade é compreendida por nós, como parte integrante e transformadora dos processos vividos no decorrer da pesquisa, principalmente, nos estudos realizados na área da educação.

É importante destacar ainda, que participar de um grupo de estudos/pesquisas, não pressupõe a postura coletiva da qual nos

referimos. Visto que, o princípio que orienta essa postura, precisa ser incorporado ao trabalho do pesquisador desde os primeiros movimentos de investigação, reconhecendo cada sujeito participante. A coletividade leva em consideração as partilhas feitas em grupo, nos diálogos com o orientador, com os colegas, permitindo a participação de cada um e os reconhecendo na gestação das ideias, nos processos de pesquisa.

O princípio da coletividade que problematizamos e acreditamos em ser uma alternativa possível de acolhida dentro dos movimentos das pesquisas, em especial, dos estudos realizados no campo da educação, buscam também por romper e superar a ideia de “ser/fazer ciência” reproduzida em muitos de nossos discursos. Evidenciamos que a os saberes construídos com o coletivo, entre os pares, possuem cientificidade, uma vez que contribuem para repensarmos juntos em práticas sociais reproduzidas. Logo, lembramos-nos das palavras de Victor Valla ao escrever que, “nós oferecemos nosso saber, por que pensamos que o da população é insuficiente e, por esta razão, inferior quando, na realidade, é apenas diferente”. (VALLA, 1996, p. 179).

O autor citado, ao escrever sobre o reconhecimento dos conhecimentos dos outros, tece reflexões importantes para pensarmos, respeitarmos, e principalmente, valorizarmos os saberes populares, os saberes construídos com\pelos outros já existentes quando pensamos em algum estudo específico. Neste sentido, quando pensamos em uma rede de saberes construído coletivamente, primeiramente priorizamos estes saberes, em seguida buscamos compreensões a cerca dos mesmos. Assim, não “caímos” em uma crise de interpretação, conforme se refere Valla (1996).

Nesse caminho, ao considerarmos o princípio da coletividade como parte essencial dos movimentos vividos no decorrer da investigação não evidenciamos a diferença dos conhecimentos, os respeitamos e reconstruímos saberes. Desta forma, compreendemos a inexistência de neutralidade dentro das pesquisas, característica que não interfere na construção do conhecimento coletivamente e sim deixa as marcas dos sujeitos que partilham da investigação.

Assim, a escrita composta pelas discussões acerca da abordagem qualitativa e o princípio da coletividade, bem como as reflexões realizadas ao longo do texto sobre pesquisas em educação, podem contribuir para pensarmos na importância de se construir um trabalho nesta perspectiva, que privilegie a participação dos sujeitos ativamente, não só na produção dos dados, na análise,

nos resultados, e sim, em todos os momentos da investigação.

Esta é uma escrita breve, que está longe de ser fechada ou de ditar regras, ela aponta apenas as possibilidades de se encarar uma investigação enquanto pesquisa coletiva. Dessa forma, o sentido do artigo é contribuir para pensar uma possibilidade de construir um estudo significativo para os sujeitos envolvidos, incluindo entre eles o pesquisador. Nesse sentido, encontramos tal possibilidade através de uma postura comprometida com a educação e principalmente mais “humana” frente ao caráter científico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Pergunta a Várias Mãos**: a experiência da pesquisa no trabalho do educador. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GAMBOA, Sílvio Sánchez. **Pesquisa em educação**: métodos e epistemologias. Chapecó: Argos, 2007.

MALDANER, Otavio Aloísio; ZANON, Lenir Basso. Situação de Estudo – uma organização do ensino que extrapola a formação disciplinar em Ciências. In: MORAES, Roque; MANCUSO, Ronaldo. (Org.). **Educação em Ciências**: produção de currículos e formação de professores. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.

MARQUES, M. O. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006. 154 p

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 23. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

VALLA, V. V. **A crise de interpretação é nossa**: procurando compreender a fala das classes subalternas. Revista Educação & Realidade. Porto Alegre: UFRGS.V.1n.1 Jul\Dez, 1996. p .177-190.